ISSN: 2358-8829

EXPERIÊNCIAS NO PROJETO DE EXTENSÃO ENCRUZILHADAS FORMATIVAS: LEITURAS NEGRAS, GÊNERO E RAÇAS NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB.

Manuely Santos dos Anjos [1]
Denise Abigail Freittas Rocha[2]

RESUMO

O presente trabalho apresenta as experiências desenvolvidas no projeto de extensão *Encruzilhadas Formativas: Leituras Negras, Gênero e Raças*, vinculado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), cuja proposta consiste em promover espaços de formação crítica e diálogo sobre relações étnico-raciais, gênero e educação, articulando universidade, escola e comunidade. O projeto fundamenta-se na perspectiva da extensão universitária como prática formativa, social e política, comprometida com a valorização de saberes plurais, com a educação antirracista e com o enfrentamento das desigualdades historicamente produzidas. O referencial teórico-metodológico apoia-se em abordagens contracolonial, nos estudos sobre relações raciais e de gênero e em práticas pedagógicas dialógicas, participativas e interdisciplinares, desenvolvidas por meio de rodas de conversa, leituras compartilhadas, oficinas, debates e ações formativas em espaços educativos. As atividades realizadas possibilitaram a ampliação de reflexões acerca das identidades negras, da representatividade, da equidade de gênero e da importância de práticas pedagógicas comprometidas com a diversidade e a justiça social. Como principais resultados, destacam-se o fortalecimento de processos formativos voltados à consciência crítica, a valorização de produções intelectuais negras, o incentivo à construção de práticas educativas antirracistas e a ampliação do diálogo entre universidade e comunidade. Conclui-se que o projeto se constitui como uma experiência significativa de formação acadêmica e social, contribuindo para a construção de uma educação mais inclusiva, democrática e socialmente referenciada.

Palavras-chave: extensão universitária; educação antirracista; relações étnico-raciais; gênero; formação docente.

[1] Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Bahia-UNEB, Pós- Graduação Lato Sensu em Relações Étnico-Raciais e Cultura Afro-Brasileira na Educação – IFBAIANO- BA, Mestra em Relações Étnicas e Contemporaneidade- UESB, Professora da Universidade do Estado da Bahia, Curso de Ciências Biológicas, DCET II, Campus Alagoinhas,

[2] Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Professora da Universidade do Estado da Bahia, Curso de Ciências Biológicas, DCET II, Campus Alagoinhas. dfrocha@uneb.br;

ISSN: 2358-8829

INTRODUÇÃO

A universidade pública desempenha um papel fundamental na produção e na socialização do conhecimento, especialmente quando estabelece relações dialógicas com os diferentes sujeitos, territórios e comunidades que constituem a sociedade. Nessa perspectiva, a extensão universitária ultrapassa a compreensão de que a instituição acadêmica deve apenas transmitir conhecimentos à população, constituindo-se como uma dimensão formativa que possibilita a troca de saberes, a reflexão crítica sobre a realidade e a construção coletiva de alternativas para o enfrentamento das desigualdades sociais. Ao articular ensino, pesquisa e extensão, a universidade amplia suas possibilidades de atuação e reafirma seu compromisso com uma educação democrática, inclusiva e socialmente referenciada.

Essa compreensão aproxima-se das contribuições de Freire (1983), para quem a extensão não deve ser compreendida como simples transmissão de conhecimentos de um sujeito que sabe para outro que supostamente não sabe. O autor propõe uma perspectiva comunicativa e dialógica, na qual os sujeitos participam ativamente da construção do conhecimento. Assim, a extensão universitária pode constituir um espaço de encontro entre diferentes experiências, saberes e perspectivas, reconhecendo que os conhecimentos produzidos nas universidades dialogam com aqueles construídos nas comunidades, nos movimentos sociais e nas práticas cotidianas.

É nesse horizonte que se insere o projeto de extensão Encruzilhadas Formativas: Leituras Negras, Gênero e Raças, vinculado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A iniciativa propõe a criação de espaços de formação, diálogo e reflexão sobre relações étnico-raciais, gênero e educação, articulando a universidade, a escola e a comunidade. Por meio de rodas de conversa, leituras compartilhadas, oficinas, debates e outras ações formativas, o projeto busca valorizar produções intelectuais negras, ampliar o debate sobre as identidades e as representatividades e contribuir para a construção de práticas educativas comprometidas com o enfrentamento do racismo e das desigualdades de gênero.

A importância de iniciativas dessa natureza relaciona-se à necessidade de reconhecer que o racismo não se manifesta somente nas relações interpessoais, mas também se estrutura nas instituições, nos currículos, nas práticas pedagógicas e nas formas de produção e legitimação do conhecimento. Almeida (2019) contribui para essa

ISSN: 2358-8829

discussão ao compreender o racismo como fenômeno estrutural, historicamente constituído e reproduzido pelas relações sociais e pelas instituições. No campo educacional, essa compreensão exige questionar as ausências, os silenciamentos e as hierarquizações que, durante muito tempo, limitaram a presença de intelectuais, escritoras, escritores e referências negras nos espaços de formação.

Nesse sentido, a educação antirracista não pode se restringir à realização de atividades pontuais ou à abordagem das relações raciais em datas comemorativas. Ela demanda o compromisso contínuo com a revisão dos currículos, a valorização das histórias e culturas africanas e afro-brasileiras e o reconhecimento das contribuições da população negra para a sociedade. A Lei nº 10.639/2003, ao tornar obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, representa um marco importante nesse processo. Sua efetivação, entretanto, requer ações formativas que contribuam para a compreensão crítica das relações raciais e para a transformação das práticas educativas.

As reflexões de Gomes (2017) fortalecem esse debate ao destacar a importância dos movimentos negros como produtores de conhecimentos e sujeitos educativos, capazes de questionar estruturas de poder e ampliar as possibilidades de compreensão da realidade brasileira. Reconhecer essa produção significa compreender que os saberes negros não ocupam uma posição secundária na construção do conhecimento, mas participam ativamente da elaboração de outras perspectivas epistemológicas, políticas e pedagógicas. Desse modo, a leitura de autoras e autores negros, quando articulada ao diálogo e à reflexão coletiva, pode contribuir para o questionamento de perspectivas eurocentradas e para o reconhecimento de experiências historicamente marginalizadas.

A discussão sobre raça também se articula às relações de gênero, uma vez que as desigualdades sociais não atingem todos os sujeitos da mesma maneira. Collins (2019) contribui para essa compreensão ao analisar como raça, gênero, classe e outras relações de poder se articulam na produção das experiências sociais. Essa abordagem permite reconhecer que as vivências das mulheres negras, por exemplo, são atravessadas por processos históricos específicos de discriminação e resistência. Portanto, pensar práticas formativas comprometidas com a equidade implica considerar a complexidade dessas relações, evitando abordagens que tratem raça e gênero como dimensões isoladas da vida social.

ISSN: 2358-8829

De modo complementar, hooks (2013) compreende a educação como prática capaz de favorecer a liberdade, a participação e a transformação das relações estabelecidas nos espaços de aprendizagem. Sua perspectiva crítica convida a questionar modelos educativos que silenciam determinados sujeitos e a construir ambientes nos quais as experiências, as identidades e as vozes historicamente marginalizadas sejam reconhecidas. Nesse contexto, as leituras negras e os encontros formativos podem funcionar como possibilidades de produção de pertencimento, fortalecimento das identidades e construção de diálogos sobre as desigualdades que atravessam a sociedade e as instituições educacionais.

Diante dessas questões, o projeto Encruzilhadas Formativas: Leituras Negras, Gênero e Raças apresenta-se como uma experiência de extensão que articula formação acadêmica, educação antirracista e valorização dos conhecimentos produzidos por intelectuais negros e negras. Suas ações buscam ampliar os espaços de escuta, diálogo e reflexão, reconhecendo a diversidade dos sujeitos envolvidos e a necessidade de aproximar os debates acadêmicos das experiências vivenciadas na escola e na comunidade. A perspectiva formativa do projeto fundamenta-se, assim, na compreensão de que o enfrentamento das desigualdades exige tanto a produção de conhecimentos críticos quanto a criação de espaços coletivos de aprendizagem e participação.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo apresentar e refletir sobre as experiências desenvolvidas no projeto de extensão Encruzilhadas Formativas: Leituras Negras, Gênero e Raças, vinculado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), destacando suas contribuições para a formação crítica, a valorização das produções intelectuais negras, o debate sobre as relações étnico-raciais e de gênero e o fortalecimento do diálogo entre universidade e comunidade. Trata-se de um relato de experiência que toma as ações formativas do projeto como ponto de partida para discutir as possibilidades da extensão universitária na construção de práticas educativas antirracistas, participativas e comprometidas com a justiça social.

A partir desse propósito, o texto apresenta inicialmente os fundamentos que orientam a proposta, seguido da descrição e da reflexão sobre as atividades desenvolvidas e suas contribuições para os processos formativos. Por fim, discute-se a relevância da extensão universitária como espaço de produção compartilhada de conhecimentos, reafirmando a necessidade de fortalecer iniciativas que valorizem as epistemologias

negras, promovam o debate sobre gênero e raça e contribuam para a construção de uma universidade pública socialmente comprometida.

METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como um relato de experiência, de abordagem qualitativa, construído a partir das ações desenvolvidas no projeto de extensão Encruzilhadas Formativas: Leituras Negras, Gênero e Raças, vinculado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), (GIL, 2011). A proposta metodológica fundamenta-se na compreensão da extensão universitária como espaço de diálogo, participação e construção compartilhada de conhecimentos, considerando as experiências formativas realizadas e suas contribuições para o debate sobre relações étnico-raciais, gênero e educação. Nessa perspectiva, o percurso metodológico articula a descrição das atividades desenvolvidas à reflexão crítica sobre os processos de formação vivenciados no âmbito do projeto.

A análise das experiências é orientada por uma perspectiva crítica, buscando relacionar as atividades realizadas aos objetivos formativos do projeto e às discussões teóricas sobre educação antirracista (GOMES, 2017; SILVA, 2005), epistemologias e produções negras (GONZALEZ, 2020; HOOKS, 2013), interseccionalidade de gênero e raça (AKOTIRENE, 2019; COLLINS, 2019) e extensão universitária libertadora e dialogada (FREIRE, 1983; SANTOS, 2010)."

Para a organização do relato, consideram-se como fontes de informação os registros das atividades extensionistas, os materiais utilizados nas leituras compartilhadas, as discussões realizadas nas rodas de conversa, oficinas e encontros formativos, bem como as reflexões produzidas a partir das experiências vivenciadas. Como estratégias de desenvolvimento das ações, destacam-se o diálogo coletivo, a leitura de produções intelectuais negras, os debates temáticos e as atividades participativas, que possibilitam problematizar questões relacionadas ao racismo, às desigualdades de gênero, à representatividade e à valorização de saberes historicamente marginalizados. A análise das experiências é orientada por uma perspectiva crítica, buscando relacionar as atividades realizadas aos objetivos formativos do projeto e às discussões teóricas sobre educação antirracista e extensão universitária.

ISSN: 2358-8829

REFERENCIAL TEÓRICO

A extensão universitária constitui uma dimensão importante da formação acadêmica, pois possibilita a aproximação entre os conhecimentos produzidos na universidade e as experiências sociais, culturais e educativas das comunidades. Quando orientada por uma perspectiva crítica, ultrapassa a realização de atividades pontuais e promove relações de troca, participação e construção coletiva do conhecimento. Essa compreensão fundamenta o projeto Encruzilhadas Formativas: Leituras Negras, Gênero e Raças, vinculado à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), cuja proposta articula universidade, escola e comunidade por meio de leituras, rodas de conversa, oficinas e debates sobre questões étnico-raciais, gênero e educação. Nessa perspectiva, a extensão universitária representa uma possibilidade de construir processos formativos comprometidos com a diversidade, a democratização do conhecimento e o enfrentamento das desigualdades sociais.

> A extensão universitária, na sua vertente crítica e emancipatória, visa à promoção de diálogos interculturais e à democratização do conhecimento produzido na academia. Ao ultrapassar a mera transmissão de conteúdos e integrar as sabedorias comunitárias aos processos formativos, a universidade reafirma seu compromisso político com a justiça social e com a construção de práticas educativas voltadas ao combate às desigualdades raciais e de gênero. (GOMES, 2017, p. 48).

Essa compreensão aproxima-se das contribuições de Freire (1983), que problematiza a extensão entendida como simples transmissão de conhecimentos de quem supostamente sabe para quem não sabe. Para o autor, a construção do conhecimento pressupõe diálogo, participação e reflexão crítica sobre a realidade. Assim, os sujeitos envolvidos nas ações extensionistas não devem ser considerados receptores passivos de informações, mas participantes ativos que compartilham experiências, saberes e interpretações do mundo. Essa perspectiva permite compreender as atividades do projeto como espaços de aprendizagem coletiva, nos quais as leituras e discussões favorecem a problematização de questões sociais e a construção de novas possibilidades de atuação educativa. A articulação entre ensino, pesquisa e extensão, prevista no artigo 207 da Constituição Federal de 1988, fortalece esse compromisso ao reconhecer a integração dessas dimensões como princípio da universidade pública.

ISSN: 2358-8829

Ao considerar a extensão como prática dialógica, torna-se necessário refletir sobre os conhecimentos que circulam nos espaços acadêmicos e sobre os sujeitos historicamente reconhecidos como produtores legítimos desses saberes. Nesse aspecto, o debate sobre educação antirracista assume centralidade, uma vez que o racismo não se manifesta apenas nas relações interpessoais, mas também nas instituições, nos currículos e nas formas de produção e legitimação do conhecimento. Almeida (2019) compreende o racismo como um fenômeno estrutural, relacionado às formas de organização da sociedade e às instituições que reproduzem desigualdades raciais. Essa interpretação contribui para questionar a ausência ou a marginalização de intelectuais negras e negros nos processos educativos e evidencia a necessidade de desenvolver práticas formativas que reconheçam a pluralidade das experiências históricas, culturais e intelectuais.

No campo educacional brasileiro, a Lei nº 10.639/2003 representa um marco importante ao estabelecer a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio. Sua implementação exige mais do que a inclusão de conteúdos específicos, pois implica rever perspectivas históricas, materiais didáticos, currículos e práticas pedagógicas que contribuíram para invisibilizar as experiências e as contribuições da população negra. A efetivação de uma educação antirracista requer, portanto, formação continuada, compromisso institucional e valorização de conhecimentos produzidos por sujeitos e comunidades historicamente marginalizados. Nesse sentido, as ações do projeto Encruzilhadas Formativas dialogam com a necessidade de ampliar os espaços de leitura, reflexão e debate sobre as relações raciais, contribuindo para a construção de práticas educativas comprometidas com o reconhecimento da diversidade e com o enfrentamento do racismo.

Essa discussão é aprofundada por Gomes (2017), ao reconhecer o movimento negro como sujeito produtor de conhecimentos e agente educativo. As lutas históricas da população negra contribuíram para formular reivindicações, construir propostas pedagógicas e ampliar o debate público sobre identidade, desigualdade racial e direito à educação. Compreender o movimento negro como educador significa reconhecer que os processos de formação também acontecem nos movimentos sociais, nos coletivos culturais, nas organizações comunitárias e nas experiências de resistência. Esses espaços produzem saberes que questionam interpretações hegemônicas e ampliam as possibilidades de compreender a sociedade brasileira. Dessa forma, valorizar as produções intelectuais negras nas atividades acadêmicas não representa apenas ampliar o

ISSN: 2358-8829

repertório bibliográfico, mas reconhecer essas produções como parte constitutiva do conhecimento científico, histórico, cultural e pedagógico.

A valorização desses saberes também se articula às discussões sobre gênero, uma vez que as desigualdades sociais afetam os sujeitos de maneiras distintas, conforme as relações de poder que atravessam suas experiências. O feminismo negro contribui para essa reflexão ao evidenciar que raça, gênero e classe não podem ser analisados de maneira isolada, pois se articulam na produção das desigualdades e das possibilidades de participação social. Collins (2019) destaca a importância de reconhecer as experiências e as produções intelectuais das mulheres negras como fontes legítimas de conhecimento e reflexão crítica. Essa perspectiva permite compreender que suas trajetórias são atravessadas por processos históricos específicos de discriminação, mas também por formas de resistência, organização e produção intelectual que contribuem para transformar a sociedade.

Nessa perspectiva, as atividades desenvolvidas no projeto Encruzilhadas Formativas: Leituras Negras, Gênero e Raças podem ser compreendidas como estratégias de formação que articulam extensão universitária, educação antirracista, valorização das produções intelectuais negras e reflexão sobre as relações de gênero. As rodas de conversa, oficinas, leituras compartilhadas e debates possibilitam a circulação de ideias e a aproximação entre os conhecimentos acadêmicos e as experiências sociais dos participantes. Essas ações contribuem para compreender que o enfrentamento das desigualdades exige processos permanentes de formação, revisão das práticas educativas e reconhecimento dos saberes historicamente marginalizados. Assim, o referencial teórico apresentado permite compreender o projeto como uma experiência que busca fortalecer o diálogo entre universidade e comunidade e contribuir para a construção de práticas formativas democráticas, críticas e socialmente comprometidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A formação docente em Ciências Biológicas ainda é atravessada por matrizes eurocentradas e abordagens biologizantes que podem invisibilizar contribuições africanas, afro-brasileiras e indígenas para a ciência. Nesse contexto, o projeto Encruzilhadas Formativas: Leituras Negras, Gênero e Raças, desenvolvido na UNEB/DCET II, busca problematizar essas ausências e ampliar as referências presentes

na formação acadêmica. Sua relevância está em aproximar as relações étnico-raciais das práticas de ensino, pesquisa e extensão, compreendendo o currículo como espaço de disputa e reconhecimento.

Essa orientação dialoga com Gomes (2017), que reconhece o movimento negro como produtor de conhecimentos, e com a interseccionalidade, que evidencia a articulação entre raça, gênero e outras relações de poder (COLLINS, 2019). Aproxima-se, ainda, da concepção de educação como prática da liberdade (hooks, 2013). A extensão é, assim, entendida como diálogo entre conhecimentos acadêmicos, experiências comunitárias e saberes ancestrais, e não como transmissão unilateral de conteúdos.Gomes, 2017Carneiro, 2011

Entre as ações, destacam-se oficinas práticas, rodas de leitura e intervenções didáticas com etnoconhecimentos. Na oficina de tintas naturais e biotecnologia ancestral, realizada durante a I Mostra Pedagógica de Ciências Africanas, Afro-brasileiras e Indígenas, foram explorados pigmentos como urucum, açafrão, jenipapo e carvão vegetal. A atividade aproximou conhecimentos tradicionais de conteúdos de Botânica, Química e Ecologia e possibilitou discutir usos culturais e possibilidades pedagógicas desses materiais. Os saberes ancestrais foram abordados como conhecimentos historicamente produzidos, e não apenas como exemplos ilustrativos.

Foto 1: Prática da I Mostra Pedagógica de Ciências Africanas, Afro-brasileiras e Indígenas (Oficina de Tintas Naturais e Biotecnologia Ancestral).



Acervo da autora (2026)

A sistematização dessas experiências em produção acadêmica também constitui resultado formativo, ao ampliar a participação discente na construção e circulação do conhecimento. Ao transformar práticas e questões surgidas nas atividades em objetos de

reflexão científica, o projeto estimula o protagonismo estudantil e a análise crítica do ensino de Ciências Biológicas, valorizando conhecimentos africanos, afro-brasileiros e indígenas.

FOTO 2: Socialização de resultados de pesquisa-ação no VI Congresso Unebiano de Ciências Biológicas (CONUCBIO/SECMBIO).



Acervo da autora (2026)

As experiências também se desdobraram em estudos acadêmicos aprovados e apresentados em eventos regionais e nacionais. Destacam-se a pesquisa de Yasmim Pereira sobre vivências étnico-raciais de estudantes de Biologia da UNEB, apresentada no Congresso Nacional de Educação, e o trabalho de Mariele Gomes sobre as duas décadas da Lei nº 10.639/2003 e as lacunas identificadas no Projeto Pedagógico do Curso. Esses estudos mostram como a extensão pode gerar questões de pesquisa sobre formação universitária, pertencimento e currículo. Por se tratar de relato qualitativo e descritivo, os resultados indicam contribuições formativas observadas, sem mensurar efeitos ou estabelecer causalidade.

O projeto promoveu ainda a I Mostra Pedagógica de Ciências Africanas, Afro-brasileiras e Indígenas, o I Seminário AfroCiências e atividades formativas em articulação com o IFBaiano. Essas ações aproximaram diferentes áreas e colocaram em diálogo ancestralidade, ciência, gênero e relações étnico-raciais. A socialização em eventos amplia a circulação das discussões para além de um componente curricular e reforça a necessidade de continuidade, registro e avaliação, para que a educação antirracista não dependa apenas de iniciativas isoladas.

Figura 1: Cartaz do I Seminário AfroCiências (UNEB).

ISSN: 2358-8829

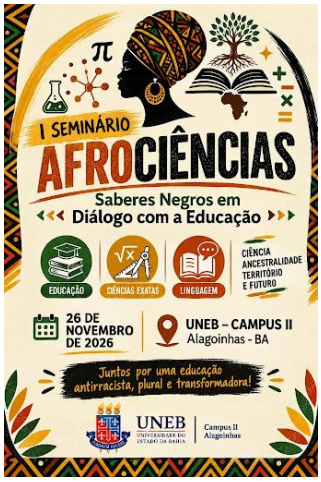

FOTO 3: Palestra no Dia da Mulher Negra no CETEP e IFBAIANO





).

Em conjunto, as experiências indicam que o Encruzilhadas Formativas vem criando possibilidades de transformação pedagógica na UNEB, ao promover produções intelectuais negras, refletir sobre raça e gênero e articular universidade, escola e comunidade. As ações também abrem espaço para discutir pertencimento e permanência de estudantes negros/as no ensino superior. Embora o relato não comprove mudanças institucionais duradouras, evidencia caminhos para questionar ausências curriculares e fortalecer uma formação em Ciências Biológicas comprometida com a diversidade e a educação antirracista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências apresentadas permitem compreender o projeto de extensão Encruzilhadas Formativas: Leituras Negras, Gênero e Raças como um espaço de formação crítica que articula ensino, pesquisa e extensão e promove o diálogo entre

universidade, escola e comunidade. As rodas de conversa, leituras compartilhadas, oficinas e eventos favoreceram a problematização das relações étnico-raciais e de gênero, a valorização de produções intelectuais negras e a aproximação entre conhecimentos acadêmicos e saberes ancestrais. Nesse percurso, a oficina de tintas naturais, a socialização de pesquisas discentes e a realização de ações formativas constituem experiências concretas para pensar outras possibilidades de ensinar e aprender Ciências Biológicas.

Os desdobramentos relatados apontam para a relevância de inserir, de modo contínuo e transversal, referências africanas, afro-brasileiras e indígenas nos processos formativos, em consonância com a Lei nº 10.639/2003. Também reforçam que a educação antirracista exige mais do que ações pontuais: demanda compromisso institucional, revisão curricular, formação docente permanente e reconhecimento dos sujeitos historicamente marginalizados como produtores de conhecimento. Como limite, este trabalho constitui um relato de experiência baseado nos registros e nas atividades desenvolvidas, não tendo como propósito medir impactos de longo prazo. Pesquisas futuras poderão acompanhar a continuidade das ações, ouvir participantes e analisar de que maneira essas experiências repercutem nas práticas pedagógicas e no sentimento de pertencimento acadêmico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Diário Oficial da União: Brasília, DF, 10 jan. 2003.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013